

Uma graduação jovem, negra e nordestina: a história do curso de Enfermagem da UFPel¹

Lorena Almeida Gill

No dia 24 de agosto de 1976, o Conselho Universitário da Universidade Federal de Pelotas (CONSUN) discutiu formalmente a construção de um curso de Enfermagem no âmbito da instituição. O assunto foi colocado em pauta pelo presidente do órgão, reitor Delfim Mendes Silveira, que afirmou que a iniciativa era urgente, pois o Ministério da Educação e Cultura (MEC) havia destinado recursos próprios para este fim, e a medida se devia ao fato de se ter falta de enfermeiros de nível superior no Brasil, o que causava “[...] um hiato muito grande entre o atendimento médico e o paciente, não havendo um elemento intermediário”. O dirigente ressaltou que o médico não conseguia ficar “[...] permanentemente ao lado do paciente, que muitas vezes tem sua doença transformada em caso fatal, por falta de atendimento especializado de um enfermeiro” (Ata, 24 ago. 1976, p. 2).

Para ele, as estatísticas mostravam que havia pouquíssimos enfermeiros com formação superior no país, evidenciadas pela desproporção entre os médicos e aqueles profissionais. Os primeiros eram, visivelmente, muito mais presentes nos ambientes de saúde, por isso a pressa para que se constituíssem cursos de graduação de Enfermagem em Universidades Federais.

É preciso considerar que naquele momento existiam apenas três cursos universitários de enfermagem no Estado do Rio Grande do Sul e dois deles eram de instituições privadas. O único curso público era o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,² instituição fundada no ano de 1950. Os outros dois, particulares, eram: um vinculado à Faculdade Católica Nossa Senhora Medianeira, de Santa Maria, que passou a funcionar em 1955 e outro, que iniciou em 1957, relacionado à Universidade de Caxias do Sul. Já os cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG) foram criados no mesmo contexto que o de Pelotas. O primeiro, no ano de 1975, e o segundo em 1976.

Algumas graduações em enfermagem do Nordeste brasileiro, a título de comparação, tinham sido constituídas bem antes que as do Rio Grande do Sul. Segundo Carlos et al. (2014),

¹ Originalmente publicado em: FERREIRA, L. O., BATISTA, R. S., MARQUES, R. C. (orgs.). Enfermeiras, educadoras sanitárias e outras profissões: estudos históricos. São Paulo: Hucitec, 2024, p. 172-195.

² A instituição tem seus primórdios no ano de 1934, momento em que era chamada de Universidade de Porto Alegre. No ano de 1950, passou a fazer parte do sistema federal de ensino superior. <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/historico#:~:text=A%20Universidade%20de%20Porto%20Alegre%20foi%20criada%20pelo%20Decreto%20Estadual,estimular%20a%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20e>>. Acesso em: 12 out. 2023.

em 1943 houve a fundação da Escola Católica de Enfermeiras de Fortaleza/Ceará, considerada pioneira na região Nordeste. Em 1945, foi criada uma escola no Recife, também católica e, no próximo ano, em Salvador, houve a construção de uma graduação em uma instituição pública federal.

Várias instituições formativas pioneiras, conforme se verifica pelas datas, eram vinculadas ao catolicismo. Para Ferreira & Brotto (2018, p. 582), cerca de 40% de todas as escolas de enfermagem do país, no final da década de 1950, possuíam essa orientação. Os autores destacam que tais ações da Igreja Católica “além de disseminar o ideário católico relativo à assistência à saúde [...] contribuíam para a ampliação do pequeno contingente de enfermeiras profissionais em atuação no país” (p. 588).

Retomando o tema enfermagem na UFPel, Delfim Mendes da Silveira, ainda na reunião citada, declarou ter feito contato com o Dr. Naum Keiserman,³ diretor da Faculdade de Medicina, que era agregada à UFPel, para que o médico pensasse nos caminhos iniciais a fim de que a proposta fosse executada, embora já tivessem sido contratadas duas enfermeiras com a intenção de apresentarem uma proposta inicial para a graduação. Na mesma reunião do CONSUN:

[...] o Doutor Naum Keiserman, pedindo a palavra, disse que a criação do curso de Enfermagem estava dentro do II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND)⁴ e, se o Ministério estava cumprindo uma determinação do PND, lhe parecia que a Universidade não poderia fugir em dar sua colaboração ao Ministério a uma meta de Governo, que, em última instância, a Universidade também faz parte”. (Ata, 24 ago. 1976, p. 2).

O II PND, delimitado pelo marco temporal dos anos de 1975 a 1979, ainda que não tenha um capítulo específico sobre a saúde, aponta para um debate sobre as condições infra estruturais necessárias para um atendimento adequado à população, como no seguinte trecho:

Nas áreas de Saúde Pública e Assistência Médica da Previdência, cuidar-se-á da reforma de estruturas, para dar capacidade gerencial a esses setores, a exemplo do que já se vem fazendo na Educação, especialmente quanto às Universidades. A competência do Estado para organizar a ação social, com vistas à proteção e recuperação da saúde da população, justifica uma estratégia que visa, primordialmente, à clara definição institucional do setor, com base em mecanismos de coordenação que anulem imprecisões ou superposições de âmbitos de atuação. (II PND, 1975-1979, p. 72).

³ Naum era casado com Clara Keiserman, uma visitadora sanitária que atuou em Pelotas. Para saber mais, ver Gill (2008). Ele nasceu no ano de 1917, em Porto Alegre e faleceu em 2011, na mesma cidade. Naum foi médico de uma das doenças que mais causava a morte de pessoas, nas primeiras décadas do século XX, a tuberculose pulmonar (Gill, 2004).

⁴ Para conhecer o conteúdo do Plano, ver II PND (1975-1979, s.p.).

De qualquer modo, mesmo sem apresentar formalmente um currículo estruturado ou informações mais detalhadas sobre o curso pretendido, a proposta de criação foi aprovada por unanimidade dos presentes nesse encontro do CONSUN.

A partir das páginas do jornal *Diário Popular*⁵, de alguns meses antes (20 jan. 1976), é possível saber um pouco mais sobre as duas enfermeiras contratadas pela UFPel e citadas na reunião do Conselho Universitário. Elas eram Sylvia Hinterholz e Jessi Nilo Gafré e estavam realizando um curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Enfermagem, ministrado pela escola Anna Nery, no Rio de Janeiro, com o objetivo de obter mais conhecimentos visando a instalação de uma graduação na área em Pelotas.

A Escola Anna Nery, fundada em 1923 por iniciativa do sanitarista e cientista Carlos Chagas e da enfermeira norte-americana Ethel Parsons,⁶ foi a primeira instituição reconhecida como a oferecer uma formação técnica e científica de qualidade, implementando parâmetros para as escolas que vieram a seguir, os quais ficaram conhecidos como padrão Anna Nery (Santos et al., 2020).

Na mesma matéria do periódico é dito que Lygia Paim,⁷ referenciada como coordenadora do ensino de Enfermagem do MEC,⁸ havia estado em Pelotas com a finalidade de verificar as condições acadêmicas, científicas e de infraestrutura necessárias para que houvesse o início de um curso daquele porte na cidade.

Lygia Paim reflete sobre este período temporal em artigo publicado no ano de 2001. No texto, aborda o momento da ditadura civil-militar,⁹ a partir de meados da década de 1970 quando, segundo ela, já se construía uma espécie de aquietação aos anos duros definidos pelo Ato Institucional número 5 (AI-5), de 1968. Para ela:

Foi em meio a essa trégua, que o DAU/MEC tomou a iniciativa de fazer a composição de um Grupo Setorial de Saúde (GSS). Tal grupo foi considerado como assessoria, diante das questões sociais de formação em saúde e suas correspondentes implicações. O propósito assumido pelos integrantes desse grupo convergia em criar possibilidades democratizantes na educação, focalizadas na ampliação de vagas, de cursos e, em

⁵ O jornal *Diário Popular* é um dos mais antigos em Pelotas, já que foi fundado no ano de 1890 e continua em funcionamento até hoje.

⁶ A enfermeira Ethel Parsons chefiava, à época, uma missão técnica de cooperação para o desenvolvimento da Enfermagem no Brasil.

⁷ Lygia Paim é graduada em Enfermagem pela Escola Anna Nery/UFRJ (1960), mestre e doutora pela mesma universidade e sua docente a partir de 1977. Foi também membro do comitê da área da saúde, do CNPq, entre os anos de 1980 e 1982.

⁸ A professora Lygia Paim se apresenta como assessora do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (DAU/MEC) em artigo escrito por ela sobre a formação de enfermeiros no Brasil da década de 1970 (Paim, 2001).

⁹ Para saber mais sobre este período histórico nas universidades brasileiras, ver Motta (2014).

simultâneas providências, para fomentar mais qualidade no ensino superior, nas diversas áreas profissionais da Saúde. (Paim, 2001, p. 186).

Para a professora Lygia, que atuou com as consultoras de enfermagem, à época, Maria Rosa de Souza Pinheiro (USP), Maria Dolores Lins de Andrade (UFRJ) e Maria Nilda de Andrade (UFPE), na década de 1970:

A centralidade do debate estava no investimento maciço para aumentar o número de vagas nas escolas em Universidades Federais e que tivessem potencial e demanda, que não contavam com esse tipo de curso, ou se fosse o caso, absorção, pela Universidade Federal, de curso já existente na região. A cobertura do Ensino Superior de Enfermagem pela rede federal precisava se dar, e assim inverter o quadro do Ensino Superior de Enfermagem, passando de predominantemente privado a predominantemente público, portanto, gratuito. (Paim, 2001, p. 188).

A partir desse entendimento, foram criadas facilidades para a proposição de novas graduações, que envolviam a disponibilização de assessoria técnica; o envio de recursos específicos e a ampliação da oferta de Mestrados e Doutorados na área, que estava restrita à região Sudeste, já que, à época: “[...] o Corpo Docente de todos os cursos Superiores de Enfermagem contava com, apenas, 9,5% de titulados, sendo Mestres (5,5%) e Doutores (4%) [...]” (Paim, 2001, p. 190).

Em relação à situação da enfermagem na UFPel, que é citada por Lygia Paim como um dos cursos criados neste momento, após a sua aprovação no CONSUN duas matérias jornalísticas trataram sobre o assunto naquele ano, pelas páginas também do *Diário Popular*. A primeira, publicada no dia 2 de outubro de 1976, afirmou que a grande novidade do vestibular da UFPel seria o curso de Enfermagem, com 40 vagas e duração de quatro anos. Já a segunda, publicada 15 dias após, revelou que o curso teria três habilitações diferentes: Bacharelado em Enfermagem; Licenciatura de primeiro e segundo grau em Enfermagem e especialização em saúde pública e obstetria. “O bacharelado em Enfermagem terá duração de quatro anos; a Licenciatura poderá ser obtida, dentro deste período, paralelamente ao bacharelado, a partir do segundo semestre do curso; já a especialização em saúde pública ou em obstetria exigirá mais um ano de estudos, após a conclusão do bacharelado” (*Diário Popular*, 17 out. 1976. p.4).

O texto segue abordando a falta de profissionais da área ao assim dizer: “Pelotas tem três enfermeiras de nível superior. A situação da zona sul – 18 municípios, com mais de 800 mil habitantes ainda é pior. No Brasil, mesmo, a proporção é de uma enfermeira para oito médicos, quando deveria ser quase o inverso” (*Diário Popular*, 17 out. p.4). A matéria ainda procura enfatizar que havia outros cursos de formação “como os auxiliar de serviços médicos, de dois meses; o de auxiliar de enfermagem, de nível ginásial; de técnico de enfermagem, de

nível de segundo Grau; e de nível superior, que é o tipo de curso que a UFPel abrirá em 1977” (*Diário Popular*, 17 out. p. 4).

Em um histórico da Faculdade feito pelas professoras Neiva Lunardi e Ioli Sbeghen Hoff, por ocasião dos dez anos da graduação, ficou evidenciado que as pessoas que atuavam no cuidado dos adoentados na cidade, antes da existência de curso de nível superior, eram formadas ou pela Cruz Vermelha Brasileira, filial de Pelotas, a qual oferecia um curso de voluntários socorristas, com duração de um ano e meio, desde o ano de 1942, tendo formado 1091 pessoas até 1973 (ano da extinção da proposta) ou então pela Universidade Católica de Pelotas,¹⁰ a qual possuía um curso de auxiliar de enfermagem, com duração de dezoito meses, tendo como pré-requisito a segunda série ginasial. O encerramento do segundo curso se dá justamente no ano de 1977, quando começou a turma pioneira da Enfermagem na UFPel. Até aquele momento, segundo as professoras, tinham sido formadas 153 pessoas.

Para compor este capítulo e reconstruir parte da história de formação da faculdade de enfermagem vinculada à UFPel, a principal fonte utilizada será a oral. Neste trabalho, serão apresentadas entrevistas com as primeiras professoras que chegaram à cidade de Pelotas, todas da Bahia: Helena da Rocha Conceição, Denildes de Oliveira Lemos, Sílvia Lúcia Ferreira, Emília Nalva Ferreira da Silva e Solange dos Anjos Gesteira, as quais foram entrevistadas de modo *on-line* tendo em vista morarem longe de Pelotas, no momento. Foi realizado, também, o contato com a professora Hildete Bahia da Luz,¹¹ que, por motivos pessoais, não pôde conversar, mas será utilizado um texto autoral sobre o assunto, publicado em uma revista da faculdade, além de fragmentos de sua narrativa, que foram publicizadas em uma dissertação de Mestrado (Gutierrez, 2016).

Sabe-se, também, que outras quatro professoras atuaram nesse momento inicial. Terezinha Fujita, esposa de Kurt Kloetzel, e Elisabeth Faleiros, casada com José Justino Faleiros; eram da área de Psicologia e se integraram à Universidade na década de 1970, pois acompanhavam seus maridos que passaram a atuar na Faculdade de Medicina Leiga. Terezinha logo foi para a Faculdade de Educação da UFPel e Elisabeth Faleiros passou a dar aulas na Universidade Católica de Pelotas. Há, ainda, a citação do nome de Marizete Manhães do Nascimento, que, em seguida, foi para a Universidade Federal do Espírito Santo, e de Eunice Xavier de Lima, uma cearense, amiga de Hildete, que foi contratada no dia 1º de outubro de 1977, permanecendo na UFPel até o ano de 1989, quando se aposentou.

¹⁰ Formalmente, a Universidade Católica de Pelotas foi criada no dia 7 de outubro de 1960. Para saber mais, ver Devantier (2017).

¹¹ A professora Hildete Bahia da Luz faleceu no dia 7 de janeiro de 2024, na cidade de Maceió, Alagoas.

De todas as contratadas, Eunice foi a única que chegou com Doutorado em Enfermagem. Ela era Livre Docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, titulação considerada fundamental para que o reconhecimento do curso acontecesse de modo mais tranquilo.

No mesmo ano em que Eunice chegou, fez um concurso na UFPel, o qual constou de exame de títulos, defesa de tese, prova didática e prova escrita. A tese apresentada e defendida tinha como título: *Papeis expandidos para enfermeiros*.

Os caminhos da escrita

A história da faculdade de enfermagem é composta pela atuação de três grupos regionais principais: as baianas, que foram as primeiras a chegar; as paraibanas, que se fizeram presentes nos anos iniciais de conformação do curso e os gaúchos, que trouxeram alguns dos primeiros homens que trabalharam como professores e ocuparam importantes espaços de poder, como a direção, por exemplo. Para este capítulo, serão enfatizadas apenas as narrativas das baianas.

Como a oralidade é a principal fonte, dois conceitos se fizeram fundamentais para o estudo: o de memória e o de identidade. “De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (Candau, 2011, p. 19).

A memória que se pretende evocar é a denominada de alto nível, ou seja, aquela que envolve, dentre outras questões, os saberes necessários para esta área profissional. A metodologia é a história oral em sua vertente temática, ou seja, as narradoras foram procuradas na perspectiva de pensarem sobre suas participações nos anos iniciais do curso de enfermagem. Trata-se, também, de uma história oral em uma perspectiva de gênero e:

[...] nasce como um conteúdo simbólico presente no imaginário coletivo que nos revela um atuar histórico que muitas vezes não foi percebido pela comunidade, ou mesmo pela história. Assim, podemos conhecer o sujeito da História, no caso das mulheres, conhecer a vida de trabalho e seu fazer cotidiano, não desde a interpretação de uma visão patriarcal da história, mas pela consciência própria dessas mulheres. (Tedeschi, 2014, p. 29).

Relacionado ao assunto que está sendo tratado neste capítulo, foram encontradas duas dissertações de mestrado que abarcam alguns aspectos da história da faculdade: a primeira foi de uma professora da instituição, Maira Buss Thofehrn, que no ano de 1996 procurou refletir

sobre as propostas de integração docente-assistencial junto ao ambiente hospitalar (Thoferhn, 1996) e, a segunda, da museóloga Marina Gutierre, defendida em 2016, enfocou o vínculo entre a preservação de objetos, documentos e fotografias com a construção da memória e identidade do grupo.

Há, ainda, um artigo escrito de Ana Paula Escobal e alguns colegas enfermeiros (2016), construído tendo em vista às comemorações dos 40 anos da graduação. Embora o material tenha procurado agregar diferentes narrativas (16 discentes, 5 docentes e 2 servidores técnicos-administrativos em educação), se utiliza do anonimato, o que faz com que se perca a subjetividade que estaria em falas reconhecidas como importantes para o contexto. Tal situação, de registro de entrevistas anônimas e com a utilização de formulários, é bastante comum em áreas como a da saúde, por exemplo. Para a escrita deste texto serão utilizados, ainda, autores que têm se dedicado a estudos sobre a formação específica de enfermeiras, como Mott (1999); Corbellini et al. (2010) e Ferreira (2020).

Antes que se inicie a análise, é preciso que se diga que há poucos registros destas mulheres que podem ser consideradas pioneiras em suas áreas de atuação. Recentemente, escrevi um livro sobre a fundação da Faculdade Leiga de Medicina de Pelotas (Gill, 2023), que iniciou como um curso particular, para o qual foram entrevistadas 48 pessoas, em sua maioria homens, e não lembro de não encontrar alguma referência de médicos que tivessem se formado na década de 1950, por exemplo. Em todos os casos dos nomes citados para a escrita do livro, havia algum tipo de registro, ou funcional, ou a participação em uma entidade classista, ou ainda uma fotografia facilmente disponibilizada a partir da *internet*. Já em relação à História da Enfermagem, em muitos casos, não há qualquer informação sobre as professoras, que eram a maioria do corpo docente. Não se encontra uma imagem ou algum texto publicado, embora se saiba que produziram diversos materiais, até mesmo porque fizeram parte de Programas de Pós-graduações.

Nessa perspectiva, concorda-se com Perrot (2005, p. 318), que afirma que o “recusado às mulheres é a palavra pública”. Elas costumam estar em vários lugares da cidade, mas o poder “[...] teme a palavra das mulheres. Ele fechou-lhes a boca rapidamente” (Perrot, 2005, p. 464). É por isso que sobre elas o silêncio impera e, em alguns casos, elas mesmas preferem se emudecer. “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significante [...]. Ele em sua significância própria [...]” (Orlandi, 2018, p. 23).

Quando foi feita uma lista provisória de entrevistados para o livro da medicina, como já dito, composto principalmente por homens — já que eram, à época, a maior parte dos formados —, não houve nenhuma negativa em participar do projeto, uma vez que a procura implicava em uma espécie de reconhecimento e distinção pela trajetória profissional. No caso das enfermeiras, algumas delas preferiram não falar como se o silêncio fizesse parte de suas trajetórias de vida. Uma outra possibilidade para se pensar sobre este emudecimento se vincula às disputas internas dentro da faculdade que, com o passar do tempo, os grupos irão se envolver.

A chegada das primeiras enfermeiras

Embora, de acordo com o jornal citado, duas profissionais de nome Sílvia Hinterholz e Jessi Nilo Gafré tivessem vindo para Pelotas organizar uma proposta de curso de graduação, sabe-se, por fontes orais, que não foram elas as pessoas que de fato implementaram o projeto.

Quando questionadas nas entrevistas como tudo começou, os nomes que aparecem são os das baianas Hildete Bahia da Luz e Helena Maria da Rocha Conceição. Segundo texto escrito pela própria Hildete Luz (2016, p. 1), ela teria sido convidada pelo médico Kurt Kloetzel para iniciar as discussões sobre o curso de Enfermagem na UFPel.

Nesta época Kurt Kloetzel, meu amigo, veio a Pelotas fazer uma palestra, sobre diabetes, e neste momento, à nível nacional, estava acontecendo o segundo plano de desenvolvimento brasileiro (PND), que previa que no ano de 2000 o Brasil deveria ter um número “X” de enfermeiros por habitantes. Então o Kurt voltou, e perguntou se eu gostaria de ir para Pelotas.

Kurt, um médico alemão, se estabeleceu na cidade no ano de 1976 com a função de dar aulas e fundar o Departamento de Medicina Social. Ele era um perseguido político pela ditadura civil-militar brasileira e pediu demissão da USP para sair do país. Após permanecer um tempo em lugares como os Estados Unidos, por exemplo, resolveu se fixar na chamada Leiga, uma faculdade particular, que havia sido fundada por Naum Keiserman, — um judeu, opositor da ideia de uma faculdade católica, a qual iniciou as atividades no mesmo ano que a laica, ou seja, em 1963. Naum e Kurt se conheciam, pois conviviam em ambientes acadêmicos (Gill, 2023).

A Leiga, graduação fundada por Naum, também albergou Amílcar Gigante,¹² um pelotense que havia sido expurgado da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e retornado à

¹² Amílcar Gigante ocupou o cargo mais importante da UFPel ao ser eleito, democraticamente, para reitor, no ano de 1988.

sua cidade de nascimento. Através de vários relatos, se observa que os três foram fundamentais para que a enfermagem surgisse, já que pensavam sobre a saúde de uma forma mais integral.

No que diz respeito às enfermeiras que chegaram à cidade, Hildete nasceu em 1945 e veio com 31 anos, após ter recebido um convite da Faculdade de Medicina, conforme já explicitado. Ela começou a atuar como professora no dia 1º de junho de 1976, com um contrato de 20 horas semanais, através do qual recebia o valor mensal de quatro mil cruzeiros. Através de documentos constantes para o seu pedido de aposentadoria, sabe-se que antes havia atuado como enfermeira no Hospital de Clínicas de São Paulo; em um departamento psiquiátrico em Franco da Rocha e, ainda, em Jundiaí, pois este é o endereço que apresenta para a formalização de seu contrato individual de trabalho na UFPel, que é modificado em 1980 quando realiza um concurso público de títulos e provas para o cargo de professora assistente. Ela nasceu em Salvador e havia se formado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no ano de 1971.

Sobre a sua chegada, Hildete, que veio com Helena Conceição, assim diz:

Vimos para cá em junho, em um dia chuvoso, conheci a Universidade, e vi que era uma boa ideia, e eu como enfermeira já tinha uma posição boa, então assinei o contrato e logo em seguida voltei ao Rio de Janeiro, no hospital Anna Nery, onde fiz mais uma pós-graduação, sobre metodologia do ensino e da pesquisa, para poder voltar e planejar a faculdade. (Luz, 2016, p. 1).

Hildete assumiu como coordenadora do curso e em reunião do CONSUN, do dia 9 de dezembro de 1976, foi saudada pelo reitor Delfim Mendes da Silveira, que a cumprimentou publicamente por participar da primeira reunião do colegiado (Ata, 9 dez. 1976, p. 3).

Helena Maria da Rocha Conceição, por sua vez, nasceu em 1947, na cidade de Ilhéus, e antes de fazer Enfermagem na Universidade Católica de Salvador, concluiu o magistério e a graduação em Educação Física, já que era atleta. Ela se formou como enfermeira no ano de 1973, com 26 anos, e conheceu Brasília em um evento de jogos universitários, no qual participava como competidora. A partir daí, como gostou da cidade, resolveu se candidatar a uma vaga no hospital distrital, obtendo êxito e passou a atuar, também, como assessora do MEC, na área da saúde. Logo depois veio para Pelotas, em 1976 e aqui permaneceu por oito anos. Passado esse tempo, retornou a Brasília para coordenar a área de imunizações junto ao Ministério da Saúde.

Em sua narrativa, Helena abordou este início das tratativas para que a graduação de Enfermagem começasse na UFPel. Segundo ela, quando chegaram a Pelotas, convidadas por Naum e Kurt, já havia um projeto inicial de currículo, o qual não havia sido aceito pelo MEC, pois era diverso do pretendido pela legislação. “E aí, eu e a Hildete foi que fizemos todo o

processo de abertura do curso. [...] O reitor colocou pessoas a nossa disposição e foi criado o curso de Enfermagem, que nasceu junto à Odontologia” (Conceição, 2023, p.4).

A Odontologia, surgida ainda em 1911 a partir de um projeto da Maçonaria, foi uma das unidades fundadoras da UFPel, em 1969, quando esta foi construída (Loner, 2017). A Medicina, por sua vez — apesar de estar incumbida de organizar a Enfermagem —, era, à época, agregada à Universidade, uma vez que sua federalização aconteceu apenas no ano de 1978, ou seja, quinze anos, portanto, após o seu surgimento como curso particular. De todo modo, tão logo a Medicina passou a ser federalizada, incorporou o curso de Enfermagem, para o qual cedia, desde o seu início, professores para disciplinas existentes na graduação, como Anatomia e Fisiologia, por exemplo.

O vínculo de Helena com o ministério foi abordado, nas entrevistas, como fundamental para a obtenção de um canal mais próximo com Lygia Paim e a aquisição de recursos para a graduação que estava se formando em Pelotas.

Já Denildes de Oliveira Lemos, Sílvia Lúcia Ferreira, Emília Nalva Ferreira da Silva e Solange dos Anjos Gesteira foram as primeiras selecionadas da UFBA, e chegaram em tempos diferentes, sempre a partir de convites e processos internos feitos no curso de origem.

Denildes nasceu em 1947, em Salvador, e fez o curso de Magistério, no ensino médio. Ela se formou na mesma faculdade em que sua mãe atuava como auxiliar de serviços gerais e chegou à cidade de Pelotas com 30 anos, após abandonar a residência em Enfermagem Cirúrgica que estava fazendo para constituir o curso de Enfermagem da UFPel.

Sílvia, por sua vez, nasceu em 1952, na cidade de Santa Luz e se formou com 24 anos. Ela foi bastante detalhista na narrativa sobre a forma de abordagem para que se interessassem pela experiência em Pelotas. Segundo ela, no dia da formatura, estavam na catedral para um ensaio geral, momento em que foram apresentadas à Hildete e Helena, que disseram estar recebendo currículos para um novo curso no sul do Brasil. Imediatamente pensou que queria vir para o Rio Grande do Sul, e quando recebeu a carta de aceite, em fevereiro, um pouco antes do carnaval, pediu para ficar mais uns dias, para aproveitar a festa, pós-formatura, recebendo uma mensagem que concordava com o pedido embora dissesse: “[...] mas imediatamente após o carnaval, você viaja” (Ferreira, 2023, p.6) . Ela e Denildes vieram juntas para Pelotas, de ônibus, parando apenas alguns dias no Rio de Janeiro para descansarem na casa da irmã da última. Quando chegaram na cidade, permaneceram por um tempo na casa de Hildete e Helena, depois foram para um pensionato e, finalmente, alugaram um apartamento para morarem juntas.

Já Emília nasceu em 1947, em Jequié. Ela fez magistério e chegou a dar aulas para crianças. Quando veio para Pelotas tinha 29 anos e, apesar de ser selecionada para o início das atividades em 1977, só chegou em 1978, pois queria terminar a residência em Enfermagem Médico-cirúrgica, o que a fez passar para assistente quando realizou o concurso na Universidade em 1980.

Solange era da mesma turma das demais. Ela nasceu em 1949 e se formou com 28 anos. Ela também fazia a residência em Enfermagem Médico-cirúrgica e resolveu, assim como Emília, terminar o curso. Finalizada a tarefa foi para Itaberaba em 1978, quando recebeu novamente o convite para vir a Pelotas, o qual aceitou naquele momento. Solange permaneceu em Pelotas por 17 anos quando se transferiu para a UFBA.

Helena, a única branca do grupo, assim comenta, em sua entrevista, sobre as professoras que tinham chegado da Bahia: “Eram quatro e todas escuras! Já pensou? Para Pelotas, era um negócio meio complicado” (Conceição, 2023, p.7).

A organização do curso e o perfil moral esperado para as professoras enfermeiras e alunas

A professora Hildete é bastante específica ao comentar sobre os encaminhamentos para que a primeira turma pudesse começar as atividades no ano de 1977.

Começamos a redigir o projeto em julho de 1976, e em agosto o projeto foi enviado para Brasília. Foi um trabalho monstruoso, desde a primeira ementa que era a disciplina de anatomia. Criamos o primeiro currículo com algumas inovações, porque realmente a gente tinha algumas experiências diferentes, porque não tinha faculdade aqui, somente em Porto Alegre. Aqui não tinha nada na área da enfermagem, tinha só medicina e odontologia. (Luz, 2016, p. 1).

O modelo seguido foi relatado nas entrevistas como o das Universidades Federal e Católica da Bahia, espaços que conheciam bem. Helena citou, ainda, que quando fez o vestibular para enfermagem ganhou uma bolsa de quatro meses para os Estados Unidos, em Houston, no Texas, e que o currículo se baseou, também, nesta trajetória, na qual, para ela, o enfermeiro possui uma importância maior que o médico.

O texto detalhado, que foi apresentado ao MEC, constou de uma introdução, na qual apareciam a justificativa para a criação da graduação, que se baseava no II PND e que abordava o fato de que havia 80 mil médicos no Brasil, à época, e apenas 10 mil enfermeiros; bem como a importância do curso para a UFPel, relacionado a já ter Medicina e Odontologia e necessitar de uma ampliação na área de saúde, além do abundante mercado de trabalho, uma vez que a

cidade possuía “[...] 225.000 habitantes, tem 7 hospitais, com um total de 1.184 leitos, atendidos por 150 médicos” (Projeto..., 1976, p.5) mas conta com apenas 4 enfermeiros.

O material enfatizava, ainda, que: “Pelotas, sede da 3º Delegacia Regional de Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde, é a metrópole regional de uma zona – que compreende 18 municípios, com um total de 807 mil habitantes e 3.200 leitos, atendidos por apenas 8 enfermeiras” (Projeto..., 1976, p.5).¹³

O segundo item apresentado foi a previsão de recursos humanos em que foi dito que havia, até aquele momento, quatro docentes enfermeiras: duas com pós-graduação em saúde pública, uma com pós-graduação em obstetrícia e outra com uma pós-graduação em enfermagem, mas que todas tinham especialização em Metodologia do Ensino e Assistência em Enfermagem. O texto enfatizava, no entanto, que fariam novas contratações e que, todo ano, pelo menos uma docente deveria sair para realizar Mestrado na área.

O terceiro ponto, currículo pleno, apresentava as disciplinas e os cursos e institutos que seriam parceiros para o seu oferecimento, a saber: Instituto de Biologia, Faculdade de Medicina, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação, Escola Superior de Educação Física, Curso de Nutrição, Instituto de Química, Instituto de Física e Matemática. A carga horária teórica era descrita como de 1.725 horas, prática de 1350, em um total geral de 3.075¹⁴ havendo mais 345 horas, caso o graduando quisesse a dupla titulação, ou seja, a de licenciado.

Para as aulas práticas, como a UFPel não possuía um hospital próprio, seriam realizadas atividades nos seguintes hospitais conveniados: Beneficência Portuguesa, considerado como um hospital de atendimento geral; o Espírita, destinado à saúde mental e o Miguel Piltcher, cuja especialização era a área de traumatologia. Elas, também, atuariam nos postos já construídos pela Faculdade de Medicina, via Departamento de Medicina Social, a saber o da Vila Municipal, Areal Leste e Centro Social Urbano.

O material foi finalizado com a especificação do nome da coordenadora do curso, professora Hildete Bahia da Luz, do pessoal auxiliar administrativo necessário para o início das atividades: um porteiro, três serviçais e dois escriturários datilógrafos e com o detalhamento da área física, além da especificação sobre o sistema de avaliação e do material didático.

Já o Projeto de resolução anexo ao Parecer n. 163, aprovado em 27 de janeiro de 1972, o qual abordava o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia, na sua página 1, assim diz sobre o perfil do graduado pretendido, ou seja, um profissional que deveria ter "tarefas

¹³ No texto, há contradição entre os números de enfermeiros existentes na cidade, naquele momento.

¹⁴ Conforme a resolução n.1/1972 do Conselho Federal de Educação, a carga horária prevista para o curso de Enfermagem era de 2.500 horas, se fazendo em, no mínimo, 3 e no máximo 6 anos letivos.

mais complexas, transcendentas e de maior responsabilidade da enfermagem, inclusive a pesquisa e à docência em nível superior, mediante estudos complementares de pós-graduação".

A questão da definição do papel do enfermeiro era importante e foi alvo de disputas, uma vez que no início do curso as enfermeiras docentes tiveram problemas, especialmente com médicos que julgavam que essas profissionais existiam apenas para auxiliá-los no trabalho cotidiano, em uma nítida posição de subalternidade. Uma das áreas na qual tal situação de atrito ficou ainda mais marcada foi a da obstetrícia. Tanto assim que desistiram de fazer estágios em Pelotas e foram para uma cidade próxima, Canguçu, na qual eram melhor acolhidas.

Já no que diz respeito ao perfil moral esperado para as mulheres, desde tempos remotos há alguns parâmetros. Imagina-se que elas devam ser moças de boas famílias, que falem baixo; não permaneçam sozinhas em espaços públicos; que se vistam adequadamente, de maneira que seus corpos não fiquem expostos; que cuidem, quando era necessário tal ato, de um membro da família ou alguém próximo; de preferência que sejam sempre tuteladas por um homem, denominado de responsável por elas, o pai ou o marido. Caso não agissem dessa forma, poderiam não ser consideradas respeitáveis pela sociedade.

Diante disso, como seis mulheres jovens chegaram sozinhas a uma cidade do interior, era necessário criar algumas regras para produzir alguma espécie de proteção. Hildete diz que uma das formas de se fazer respeitada era ser formal: “[...] Extremamente formal, se disserem que eu era formal, eu era mesmo, pra eu sorrir a piada tinha que ser muito boa, andava sempre impecavelmente vestida, porque naquele... naquele tempo você se trajava bem, pra mostrar que você era alguém ou você não conseguia, principalmente sendo negro nessa cidade” (Entrevista de Hildete Luz apud Gutierre, 2016, p. 38).

A narrativa de Hildete permite pensar que ter “boa aparência”, na maior parte das vezes, estava relacionada ao ser branco (Damasceno, 2013) e que em um contexto adverso era importante se proteger, por isso todas as narrativas enfatizaram que a casa de Hildete e Helena era o primeiro lugar a que podiam recorrer diante de alguma necessidade. Ainda, esse era o local para passar os primeiros dias antes de conseguirem um endereço fixo. Emília assim diz sobre o que Hildete e Helena pensavam: “[...] olha, vieram para o sul, uma cidade onde são professoras, solteiras, enfermeiras, pretas e nordestinas, têm que ser olhadas, têm que ser cuidadas” (Silva, 2023, s.p.).

Era comum, portanto, que morassem juntas no início da estadia na cidade; que frequentassem os mesmos lugares nos períodos de lazer, como o citado Rua da Seresta, um bar com música ao vivo, no qual ouviam música popular brasileira e se divertiam; e que criassem

redes que permanecem até os dias de hoje, seja a partir de datas comemorativas ou de viagens, quando se visitam no decorrer dos anos.

Já para as alunas, o modelo não era diferente. Imaginava-se que as boas graduandas seriam aquelas que pretendiam ter uma vida honesta (Menezes, Baptista & Barreira, 1998), que se relacionava, muitas vezes, a cumprir com o que era esperado para as mulheres, ou seja, ter modos adequados e cuidar das pessoas que necessitavam de um olhar atento. As primeiras turmas eram compostas por grupos exclusivos de mulheres, o que se alterará com o passar dos anos, mas a passos lentos.

A enfermagem passará a ser considerada como uma profissão, no sentido evidenciado por Dubar (2012), ou seja, tendo reconhecimento social, construção de carreira e uma certa valorização monetária, apenas mais recentemente. Um marco desse momento foi a pandemia de covid-19, a partir da qual foram intensificadas as lutas para o pagamento de um piso salarial nacional aos enfermeiros do país, tendo em vista o papel que os profissionais da saúde tiveram na linha de frente do combate à doença.

Os pressupostos da necessidade do cuidado feito exclusivamente pelas mulheres e/ou da existência de uma vocação ou de um dom continuam, no entanto, presentes em muitos discursos de mulheres relacionadas à enfermagem ainda nos dias de hoje, como se o passado fizesse questão de se manter.

A cidade de Pelotas e a vivência do preconceito

Na década de 1970, Pelotas tinha uma população composta por 207.869 pessoas, sendo 154.827 moradores da zona urbana e 53.042 da zona rural, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, s.d.). A grande maioria das pessoas era branca e a UFPel representava essa realidade.

Criada no ano de 1969, conforme já dito, a Universidade era composta, em grande parte, por membros de famílias tradicionais da cidade que convidavam pessoas próximas a eles para dar aulas ou realizar funções administrativas na instituição. Note-se que nesse período não havia concurso público para o ingresso nos diferentes cargos que compunham a instituição, situação que se altera na década de 1980.

Historicamente, a cidade teve uma população preta e parda expressiva, especialmente pela existência de charqueadas, que funcionavam a partir da mão de obra escravista. Segundo Loner, Gill & Scheer (2012, p. 116):

[...] Pelotas era a cidade do Rio Grande do Sul com o maior número de cativos, ou seja, às vésperas da campanha de emancipação de 1884 possuía 6.526 escravizados, enquanto a capital do estado, Porto Alegre, tinha 5.790. Já as cidades próximas, Rio Grande e Canguçu, que faziam parte do polo charqueador, contavam com 2.345 e 2.080, respectivamente, conforme o jornal Onze de Junho, de 27 de agosto de 1884.

Com o passar do tempo, todavia, o número de pretos e pardos diminuiu. Para citar alguns exemplos, no ano de 1858, período importante para a produção saladeiril, que possuía mão-de-obra escravizada, “[...] através de um levantamento de listas familiares, obtém-se que a localidade contava com 7.763 habitantes livres, 342 libertos e 4.788 escravos, totalizando 12.893 pessoas” (Bem, 2017, p. 218). No ano de ano de 1890, após a abolição da escravidão, pretos e pardos chegavam a um terço da população urbana; já mais recentemente, no censo de 2010, a população total era de 320 mil e os autodeclarados pretos e pardos foram cerca de 60 mil pessoas, ou seja, um número próximo aos 19%.

O interessante é que serão esses mesmos charqueadores e alguns de seus descendentes aqueles que criarão os primeiros cursos superiores em Pelotas, os quais são chamados de fundadores da UFPel. O objetivo era oferecer uma boa educação àqueles que eram considerados como iguais. Um exemplo pode ilustrar a iniciativa. No ano de 1883, foi criada a Imperial Escola de Medicina Veterinária e Agricultura Prática em um prédio doado pela família Maciel. Membros dessa mesma família compunham altos escalões do poder em nível local e nacional. Conforme Vargas (2016, p. 5):

O auge da elite charqueadora em termos de poder político nacional ocorreu quando Francisco Antunes Maciel, membro de uma das principais famílias charqueadoras, tornou-se ministro do Império do Gabinete Liberal de 1883. Tratava-se de uma pasta extremamente poderosa e que fornecia ao seu portador, por exemplo, o direito de intervir na nomeação dos Executivos provinciais.

Foi nesse contexto, de uma Universidade bastante marcada por ser um espaço destinado à elite, que chegou um grupo de professoras, em sua maioria negra, com a função de criar uma graduação e implementá-la no decorrer dos anos seguintes. Além do racismo estrutural havia, como existe ainda hoje, obstáculos para que as mulheres ocupassem espaços de chefia e preconceito de lugar, ou seja, a maior parte dos cursos era composto por profissionais da região Sul e não por nordestinas ou por pessoas de outras regiões do Brasil.

Ainda, o mais comum para cursos superiores de enfermagem, pelo menos até a década de 1960, era que suas egressas fossem brancas e provenientes de classes sociais altas e médias. Conforme Ferreira & Salles (2019, p. 12, grifos dos autores):

A enfermeira padrão poderia ser uma mulher de elite, de classe média ou até mesmo pobre, mas não era aceitável que fosse negra. Foi apenas na década de 1960 que uma política de recrutamento menos restritiva começou a ser adotada em algumas escolas de enfermeiras brasileiras, passando a aceitar mulheres negras e também homens.

Nas narrativas das primeiras enfermeiras que chegaram à cidade, algumas dificuldades ficaram explicitadas neste campo. A voz mais potente ao comentar as adversidades é a de Hildete, que adjetiva a situação como terrível por morarem em um hotel, conhecerem poucas pessoas e a cidade ser pouco receptiva aos de fora. Segundo ela, cuja entrevista foi citada em um trabalho de Gutierre (2016, p. 38):

[...] a sociedade pelotense é muito fechada até hoje, [...] os valores há quarenta anos eram completamente diferentes e nós tínhamos um outro agravante, e eu tinha mais um, além de ser negra, nordestina, mulher e solteira. [...] Gigante¹⁵ me dava o apelido de “Enfermeira”, então eu tinha cinco conceitos preconceituosos sobre mim, mas eu também me defendia, eu era impecavelmente formal, sabe?”.

Essa formalidade impactou diretamente em como as professoras deveriam se comportar, em uma perspectiva de serem mais bem recebidas.

No mesmo texto, Hildete comenta sobre o convite que receberam, ela e algumas de suas colegas, para irem a um jantar com um grupo de enfermeiras da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas da cidade de Rio Grande, que é bastante próxima, além de uma profissional da Secretaria de Saúde. Ao chegarem, perceberam que o motivo era dizer a elas que não precisavam estar na cidade, pois as enfermeiras daqui poderiam fazer o que se propunham no curso superior de Enfermagem (Gutierre, 2016, p. 39).

Helena, em sua entrevista, comenta sobre o mesmo evento e assim diz: “Fizeram um jantar para mim e para a Hildete. Só faltaram dizer: arrumem as malas e vão embora. [...] Elas não entendiam o porquê a Universidade tinha nos aceito e não a elas” (Conceição, 2023, p.10).

Já Solange, quando foi perguntada se havia sofrido preconceito em Pelotas respondeu da seguinte maneira: “olha, eu nem sei por que eu já levava uma vida tão, tão, como se diz assim, espezinhada, que isso não foi privilégio de Pelotas não, viu? Até hoje nos lugares que eu chego ainda vejo me olharem atravessado”. Para ela, o Brasil é bastante racista, fruto de um racismo estrutural (Gesteira, 2023, s.p.).

¹⁵ Na fala, ela se refere à Amílcar Gigante, um professor da Faculdade de Medicina, seu amigo desde os primeiros tempos de sua chegada à cidade de Pelotas.

Sílvia, outra professora negra pioneira, reflete sobre a situação vivenciada por todas elas e é bastante firme ao dizer que não foi fácil, pois: “Hildete foi a primeira negra a ocupar um espaço de poder na UFPel” (Ferreira, 2023, p.10).

Uma situação específica é contada por Hildete para abordar alguns desses dissabores relacionados ao exercício de sua posição de poder como coordenadora. Na primeira turma, a maioria das alunas tinha sido reprovada na disciplina de Anatomia, oferecida por um médico, e Hildete não teria descansado até o momento em que conseguiu que a disciplina fosse oferecida de forma concentrada, em um período de férias, para que todas pudessem se formar juntas. Ela mesma relata o episódio da seguinte forma: “[...] Na primeira turma a anatomia foi um desastre. Elas eram 40 e só passaram oito. Foi uma briga enorme [...]” (Luz, 2016, p. 4).

Embora a maioria das entrevistadas explicita as dificuldades para lidar com o poder, além da existência do racismo, a fala que torna mais clara essa realidade é sempre a de Hildete, que assim afirma: “[...] Professores da universidade demonstravam preconceito, a toda hora, todo o momento, todo mundo era meu camarada durante a semana, no sábado, que eu saía de vestido afro, de chinelo de dedo de couro da Bahia, na rua não me viam, não me conheciam (Entrevista de Hildete Luz apud Gutierrez, 2016, p. 38).

O fato é que se ainda no século XXI se vive em uma sociedade extremamente racista, com espaços de poder ocupados majoritariamente por homens brancos, pode-se imaginar o que experienciou um grupo de mulheres jovens, negras, nordestinas, recém-chegadas em uma universidade eminentemente branca, nos anos de 1970.

O reconhecimento do curso e suas primeiras turmas

Quando se cria um curso universitário, o primeiro documento obtido é a autorização de funcionamento sem o qual as aulas não podem iniciar. Com o passar do tempo, a grande preocupação é com o reconhecimento necessário para que os formandos consigam exercer suas profissões.

Nessa perspectiva, esse momento mobilizou o grupo, criando ainda mais apoio entre as professoras e as alunas. O reconhecimento aconteceu através da portaria número 402, de 24 de junho de 1980, mas para que isso acontecesse foi preciso uma série de medidas visando melhorar, especialmente, a infraestrutura existente.

Em sua entrevista, Helena afirma que o projeto submetido ao MEC era muito bom, pois permitia estágios extracurriculares em outras regiões do país, ampliando as experiências dos

discentes, e houve a criação de uma disciplina que daria origem a um Trabalho de Conclusão de Curso, perspectiva inovadora na UFPel. Mas como a biblioteca era quase inexistente, as professoras tiveram que juntar os livros que tinham em casa e levar para a instituição, cadastrando o material, de modo que pudesse ser considerado da UFPel, para fins de reconhecimento.

No que diz respeito aos formados, que já receberam o diploma de um curso reconhecido, para se ter acesso aos nomes fez-se a digitalização do livro de diplomas (Livro..., s.d.), e para este capítulo, serão apresentadas informações sobre as três primeiras turmas. A primeira delas ingressou em 1977 e teve a colação de grau no dia 12 de dezembro de 1980. Das vinte e cinco formadas, todas eram mulheres e vinte e três moravam no estado do Rio Grande do Sul. Das duas restantes, uma era uruguaia, da região da fronteira (cidade de Rivera) e havia uma paranaense, da cidade de Joaquim Távora. A grande maioria das formadas estava na faixa etária dos 20 anos, mas havia três mais velhas, uma com 31, outra com 37 e a última com 39 anos. Das diplomadas, 22 tinham realizado a licenciatura e o bacharelado, e três apenas o bacharelado. Nesta turma, já se encontram nomes que farão parte do futuro grupo como docentes, como: Celmira Lange e Elodi Rodrigues de Lacerda, a qual chegou, inclusive, à direção da faculdade no período de 1993 a 1997.

A segunda turma, cuja colação de grau ocorreu no dia 11 de dezembro de 1981 teve, também, 25 formados. A novidade foi a presença de três homens. No que diz respeito à naturalidade, havia apenas um de fora do estado, da cidade de Tubarão, Santa Catarina. Sobre a formação, quatro pessoas concluíram apenas o bacharelado e, o restante, as duas graduações. De forma similar à primeira turma, a maioria estava na faixa etária dos 20 anos, mas três pessoas possuíam 30 anos ou mais quando formadas. Deste grupo, duas formandas passaram a atuar como professoras na UFPel: Marilu Soares Traversi e Sonia Maria Conrad Könzgen.

Já a formatura da terceira turma deu-se no dia 11 de dezembro de 1982 e contou com 22 participantes. Dentre eles, havia apenas um homem e a grande maioria era do estado, já que existia um único formando de Tubarão, Santa Catarina. A diferença deste grupo é que houve um crescimento do número de bacharéis, ou seja, um total de seis pessoas optaram por não concluir a formação dupla, ao deixarem de lado a licenciatura. Na lista de nomes, não foi identificado nenhum formado que compôs, posteriormente, o grupo de professores.

Na segunda turma, aparece o nome de uma moça que se formou apenas na Licenciatura, Lili Marlene Rauber Du Bois e, na terceira, Igenes Salete Tessaro também se graduou somente

na Licenciatura. Tais situações foram possíveis pois, provavelmente, já tinham o curso de Bacharelado em Enfermagem em outra instituição.

Considerações Finais

Até o momento, foram feitas 17 entrevistas¹⁶ para o estudo, enfocando as docentes que deram aulas nos anos iniciais, a primeira secretária do curso e alunas que se formaram nas primeiras turmas e, depois, passaram a ser, também, professoras.

No que diz respeito à organização do novo curso, Enfermagem, fica claro que os mesmos três professores que tiveram como tarefa buscar novos médicos para compor o curso privado de Medicina — que havia sido criado na cidade de Pelotas, em 1963 — tomaram para si a incumbência de procurar enfermeiras visando estruturar a graduação de Enfermagem a partir do ano de 1976. Naum Keiserman recebeu o encargo da reitoria em uma reunião do Conselho Universitário e o repassou ao Amílcar Gigante e ao Kurt Kloetzel, que convidaram Hildete Bahia da Luz para protagonizar a iniciativa. Ela solicitou o apoio de sua amiga, Helena, para se deslocar a uma região bem distante de sua casa e, posteriormente, rastreou por profissionais na instituição na qual havia obtido a sua formação, a UFBA.

Nessa perspectiva, o texto procurou focar a trajetória profissional de seis jovens mulheres baianas que criaram um curso e, para isso, tiveram que pensar em todos os detalhes para o funcionamento. Além das dificuldades iniciais existentes, principalmente tendo em vista outros profissionais desconhecerem o papel de uma enfermeira dentro de uma estrutura de saúde, o que fica evidente são as adversidades relacionadas ao preconceito de gênero, racial e de lugar, já que eram, das seis, cinco mulheres negras nordestinas.

Ainda que Pelotas tenha tido historicamente uma população negra expressiva, tratava-se de um grupo subjugado e explorado, a partir da escravidão e não exercendo espaços de poder, dentro de uma estrutura bastante elitista como uma Universidade. Uma fala da professora Helena Rocha reforça os preconceitos sofridos pelo grupo ao dizer que um dirigente da UFPel teria comentado com ela, a única branca das baianas, que era preciso clarear o curso, o que foi obtido com a chegada, especialmente, dos gaúchos.

¹⁶ Os entrevistadas, até o momento, foram as professoras Afra Suelene de Sousa; Emília Nalva Ferreira da Silva; Ioli Sbeghen Hoff; Maria da Glória Santana; Helena da Rocha Conceição; Denildes de Oliveira Lemos; Sílvia Lúcia Ferreira; Solange dos Anjos Gesteira; Terezinha Fujita; Vanda Maria da Rosa Jardim; Celeste Pereira; Valquíria Machado Bielemann; Elaine Thumé; Maira Buss Thofehrn; Marilu Correa Soares; Maria Salette Sartori e a técnica-administrativa Dalvina Bueno de Almeida, primeira secretária do curso.

A existência da Enfermagem da UFPel, portanto, colocou em cena mulheres negras, que escreveram uma proposta de graduação, a qual foi aprovada e reconhecida e, mais do que isso, passaram a definir premissas fundamentais para a saúde não só para a Universidade, mas para a cidade, polo regional de saúde, como um todo.

Apesar do acervo documental da própria faculdade e da UFPel apresentarem excelentes informações sobre o início do curso, foi através das narrativas, construídas a partir da metodologia de história oral, que se conseguiu compreender um pouco mais do contexto da época e do papel desempenhado por cada uma das protagonistas. A oralidade trouxe, também, como era de se esperar, questões subjetivas que permitiram vislumbrar um ambiente de dificuldades, mas também da abertura de novos espaços, os quais seguem sendo referência para gerações futuras.

Referências

ATA. 24 ago. 1976. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-05.1976.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

ATA. 9 dez. 1976. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/acervosdocumentaisndh/files/2023/03/CONSUN-Ata-07.1976.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

BEM, E. População. In: LONER, B.; GILL, L. & MAGALHÃES, M. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, pp. 216-8. Disponível em: <<https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CARLOS, D. et al. Escolas de Enfermeiras no nordeste brasileiro (1943-1975). *Rev Rene*, Fortaleza, vol. 15, n.º 2, pp. 326-33, 2014.

CONCEIÇÃO, H. M. R. Entrevista realizada no dia 31 de maio de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

CORBELLINI, V. L. et al. Ensino de Enfermagem no Rio Grande do Sul a partir de 1950. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, vol. 63, n.º 4, pp. 637-43, 2010.

DAMASCENO, C. “‘Cor’ e ‘Boa aparência’ no mundo do trabalho doméstico: problemas de pesquisa de curta à longa duração”. *XXVII Simpósio Nacional da ANPUH*, Natal, Rio Grande do Norte, 2013. pp. 1-16. Disponível em: <https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364682879_ARQUIVO_2013_TEXTO_anpuh_CaetanaDamasceno.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2023.

DEVANTIER, V. “Verbete Universidade Católica”. In: LONER, B.; GILL, L. & MAGALHÃES, M. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2017, p. 278. Disponível em: <<https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%c3%a1rio%20de%20Hist%c3%b3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: de nov. 2023.

DIÁRIO POPULAR, Pelotas, 20 jan. 1976.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, vol. 42, n.º 146, pp. 351-67, 2012.

ESCOBAL, A. et al. História, lutas e conquistas: 40 anos da Faculdade de Enfermagem em Pelotas. *J. nurs. health*. [Internet]. vol. 6, pp. 118-30, 2016.

FERREIRA, S. H. Entrevista realizada no dia 26 de julho de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

FERREIRA, L. & BROTTTO, R. Nordestinas e normalistas: um estudo sobre as características socioculturais das alunas de uma escola católica de enfermagem no Brasil (1940-1960). *História Unisinos*, São Leopoldo, vol. 22, n.º 4, pp. 579-91, 2018.

FERREIRA, L. & SALLES, R. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Questions du temps présent, 2019.

FERREIRA, L. O. As guardiãs da saúde: representações e características socioculturais de enfermeiras domésticas do Rio de Janeiro, 1880-1910. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, vol. 12, pp. 1-17, 2020.

IBGE. Pelotas. Disponível em: <https://seculoxx.ibge.gov.br/images/seculoxx/arquivos_download/populacao/1969/populacao_m_1969aeb_038_1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2023. s.d.

II PND. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5487890/mod_resource/content/1/IIPND.pdf>. Acesso em: 28 de nov. 2023. 1975-1979.

GESTEIRA, S. A. Entrevista realizada no dia 29 de setembro de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

GILL, L. Clara e Naum: as histórias de uma visitadora sanitária e de um médico na luta contra a tuberculose em Pelotas (RS). In: *IX Encontro Nacional de História Oral*, 2008, São Leopoldo. IX Encontro Nacional de História Oral Testemunhos e Conhecimento. São Leopoldo: Oikos, Anais complementares, 2008. pp. 1-11.

GILL, L. *Um mal de século: tuberculose, tuberculosos e políticas de saúde em Pelotas (RS), 1890-1930*. Tese (Doutorado em História) –, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.

GILL, L. *Uma casa chamada Leiga: os 60 anos da Medicina UFPel*. Pelotas: Editora da UFPel, 2023. <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/12695/statistics> Acesso em: 16 set. 2023.

GUTIERRE, M. *Memória e Identidade através dos objetos: o caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas*. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) –, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

LEMONS, D. O. Entrevista realizada no dia 23 de junho de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.

LIVRO de diplomas. Acervo da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. s.d.

LONER, B.; GILL, L. & SCHEER, M. Enfermidade e morte: os escravos na cidade de Pelotas, 1870/1880. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 19, pp. 133-52, 2012.

- LONER, B. “Verbete Odontologia”. In: LONER, B.; GILL, L. & MAGALHÃES, M. *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Editora da UFPel, 2017. Disponível em : <<https://repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/3735/Dicion%C3%A1rio%20de%20Hist%C3%B3ria%20de%20Pelotas.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 set. 2023.
- LUZ, H. DEPOIMENTO: Coordenadora do Curso de Enfermagem Período: 21/10/1977 à 01/03/1980. *Journal of Nursing and Health*, Pelotas, vol. 6, pp. 1-5, 2016.
- MENEZES, S.; BAPTISTA, S. & BARREIRA, I. O perfil das (os) alunas (os) de enfermagem da Escola Anna Nery: décadas de 20, 30 e 90. *Esc. Anna Nery R. Enferm.*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 1-2, 1998.
- MOTT, M. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). *Cadernos Pagu*, Campinas, vol. 13, pp. 327-55, 1999.
- MOTTA, R. P. S. *As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- PAIM, L. A formação de enfermeiros no Brasil na década de 70. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, vol. 53, pp. 185-96, 2001.
- PERROT, M. *As mulheres ou os silêncios da História*. Santa Catarina: Edusc, 2005.
- PROJETO PEDAGÓGICO do curso de Enfermagem. Acervo da Faculdade de Enfermagem, 1976.
- SANTOS, F. et al. Padrão Anna Nery e perfis profissionais de enfermagem possíveis para enfermeiras e enfermeiros no Brasil. *Hist. Enferm. Rev. Eletrônica*, Brasília, vol. 11, n.º 1, pp. 10-21, 2020.
- SILVA, E. N. F. Entrevista realizada no dia 7 de junho de 2023. Entrevistadora: Lorena Almeida Gill.
- TEDESCHI, L. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados-MS: UFGD, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1051/1/alguns-apontamentos-sobre-historia-oral-genero-e-historia-das-mulheres-losandro-antonio-teseschi.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2023.
- THOFEHRN, M. *IDA: Resgate da experiência da Escola de Enfermagem de Pelotas*. Dissertação (Mestrado em Assistência de Enfermagem) –, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- VARGAS, J. “A aristocracia do sebo”: Riqueza, prestígio social e estilo de vida entre os charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, 1850-1890)”. *Estudios Históricos*, Uruguai, ano 8, pp. 1-23, 2016, Uruguai. <<https://estudioshistoricos.org/17/eh1703.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2023.